

SENHORES E ESCRAVOS: UMA ANÁLISE DA COMPOSIÇÃO SOCIAL DAS PEQUENAS PROPRIEDADES NO ALTO DO TERMO DA BORDA DO CAMPO - MG - SÉCULO XIX.

Ana Paula Dutra Bôscaro (UFJF)

Resumo: O presente trabalho apresenta os resultados iniciais de uma pesquisa ainda em fase de desenvolvimento, cujo principal objetivo consiste na análise da composição social dos domicílios presentes no Alto do Termo da Borda do Campo, Comarca do Rio das Mortes, Minas Gerais, século XIX. Esta região fazia parte da fronteira dos grandes núcleos mineradores do século XVIII, era composta primordialmente por pequenas propriedades com atividades voltadas inicialmente para a mineração, associada às atividades vinculadas ao abastecimento interno. Temos como objetivo inicial apresentar os principais aspectos dos seis povoados que compunham a localidade, passando posteriormente a uma análise mais detalhada daquelas propriedades com até três cativos. A partir da análise da Lista Nominativa para o ano de 1831, buscaremos expor as principais características sócio-demográficas destes pequenos proprietários, bem como apresentar algumas particularidades das pequenas escravarias presentes na região.

Palavras-chave: Escravidão; Século XIX; Demografia.

Abstract: This paper presents the initial results of a study still in progress, whose main goal is the analysis of the social composition of domiciles present in the Alto do Termo da Borda do Campo, Comarca do Rio das Mortes, Minas Gerais, nineteenth century. This region was part of the border of the great mining centers of the eighteenth century, composed primely of small properties with activities initially focused on mining, associated with activities related to domestic supply. We have as initial objective, presenting the main aspects of the six villages that made up the town, passing later to a more detailed analysis of those properties with up to three captives. From the analysis of Nominative List for the year 1831, we will seek to explain the main socio-demographic characteristics of these smallholders as well as present some particularities of slaveholders in the region.

Keywords: Slavery; Nineteenth Century; Demography.

A composição social do Alto do Termo da Borda do Campo: Na área mais alta do Termo da Borda do Campo, região próxima a Barbacena, estava localizado o Alto do Termo da Borda do Campo, uma localidade composta por seis povoados: Nossa Senhora da Conceição do Ibitipoca, Santa Rita do Ibitipoca, Ribeirão de Alberto Dias, Ibertioga, Santana do Garambéu e São Domingos da Bocaina. Esta localidade caracterizava-se por ser mais afastada dos grandes centros de revenda de produtos locais, com terras pouco férteis e a presença de serras muito íngremes que acabavam por dificultar a fixação de agrupamentos humanos no local (OLIVEIRA, 2011). Por meio da análise da Lista Nominativa para o ano de 1831, buscaremos destacar os principais aspectos da população livre e escrava que compunha a localidade. Esta análise nos permitiu desvendar o perfil dos proprietários presentes no local, bem como perceber como estava distribuída a mão-de-obra cativa nas propriedades. Ademais, foi-nos possível compreender como estes proprietários buscavam repor suas escravarias, se via tráfico ou reprodução natural, além de apurar a origem, o sexo e o estado-civil dos mancipios presentes no local, o que muito contribuiu para a caracterização e melhor conhecimento do espaço por nós analisado. Todavia, cabe-nos ressaltar que embora a análise da composição social destes seis povoados tenha sido feita separadamente, analisando um povoado por vez, optamos por apresentar os resultados obtidos em conjunto, pois a demanda de tempo e espaço para apresentar os resultados individuais verificados para cada núcleo seria demasiadamente extenso. Desta forma, através do exame da Lista Nominativa foi contabilizado um total de 3283 indivíduos livres, ou seja, 57% da população geral. Já os escravos representaram 43% da população, perfazendo um total de 2454 cativos. A tabela abaixo nos permite uma melhor visualização acerca da composição social da população presente na localidade:

Tabela 1: População Livre x Escrava – Porcentagem Alto do Termo da Borda do Campo, 1831

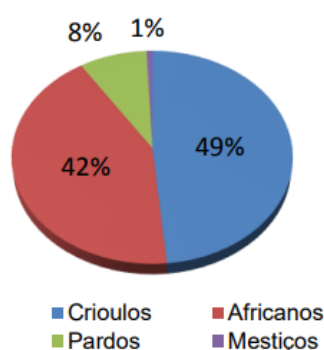
POVOADO	LIVRES		ESCRAVOS		TOTAL
Ibertioga	413	51%	403	49%	816
N.S. da Conceição do Ibitipoca	691	61%	438	39%	1129
Ribeirão de Alberto Dias	593	60%	392	40%	985
Santa Rita do Ibitipoca	652	51%	628	49%	1280
Santana do Garambéu	514	64%	287	36%	801
São Domingos da Bocaina	420	58%	306	42%	726
Total	3283	57%	2454	43%	5737

Fonte: Lista Nominativa, 1831 - CEDEPLAR.

Destes 3283 indivíduos livres, percebemos a presença daqueles indivíduos designados pela Lista como “brancos livres” e também daqueles indivíduos livres listados como pardos, crioulos, africanos ou mestiços, denominados por nós como “não brancos livres”. Estes não brancos livres corresponderam a um total de 1443 indivíduos, ou seja, representaram 44% da população livre local. Entre estes houve o predomínio dos pardos, os quais chegaram a corresponder a 78% deste grupo, isto é, 1129 homens e mulheres. Os crioulos representaram 14,5%, os africanos 6% e os mestiços apenas 1,5%, o equivalente a 210, 87 e 22 indivíduos respectivamente. Vale destacar, contudo, que embora a presença dos não brancos livres tenha sido constatada em todos os seis povoados da localidade, estes indivíduos não estavam distribuídos de forma homogênea, havendo, por exemplo, uma maior concentração de pardos no povoado de São Domingos da Bocaina, bem como um maior agrupamento de crioulos e africanos livres em Santana do Garambéu. Dada à aproximação existente entre estes seis povoados que compunham o Alto do Termo da Borda do Campo, pergunta-se: O que teria levado este contingente de pardos, crioulos e africanos a se estabelecerem, prioritariamente, nos povoados supracitados? Apresentariam estes dois povoados meios mais propícios para fixação destes indivíduos? Outro aspecto interessante que nos foi possível perceber ao longo da análise da Lista Nominativa foi à escassez do termo “forro”, pois nos seis povoados, dos 1443 indivíduos não brancos livres, apenas 47 foram assim listados. Os demais ora apareciam designados como “livres” ora apareciam como “sem informação”. A pouca utilização deste termo nos levou a aventar a hipótese de que nesta localidade os crioulos, africanos e os mestiços livres poderiam estar sendo listados como pardos. Este pressuposto explicaria, em parte, o alto índice de pardos dentre os indivíduos não brancos livres, além de corroborar com a análise de alguns autores ao constatarem que as designações sobre a cor ou a condição dos indivíduos nas Listas Nominativas não obedeciam a um padrão oficial de nomenclatura, sendo necessário não apenas considerar como as expressões eram definidas nas situações locais, como também, atentar-se para o fato de que nem sempre existiu consonância entre os termos utilizados pelos recenseadores que fizeram os censos demográficos (GUEDES, 2009; MACHADO, 2008; BRUGGER, 2007; MATTOS, 2000). Todavia, estas questões e hipóteses são apenas formulações iniciais, visto que o trabalho se encontra ainda em fase de desenvolvimento. Logo, as mesmas devem ser vistas principalmente como o ponto de partida para futuras reflexões e análises. Bem como os brancos e não brancos livres, a presença dos cativos se fez notar em todos os povoados que compunham o Alto do Termo da Borda do Campo.

Estes mancípios representaram 43% da população local da região, ou seja, 2454 escravos, número bastante expressivo se considerarmos ser esta uma área periférica, de inserção econômica relativamente modesta, e onde predominavam além das pequenas propriedades, os chefes de domicílio mais pobres. Ao analisar a população cativa presente nos seis povoados, contabilizamos 1039 cativos africanos, 1190 mancípios crioulos, 207 escravos pardos e apenas 18 mestiços. O gráfico abaixo nos permite uma melhor visualização da população cativa do Alto do Termo da Borda do Campo:

Gráfico 1: Origem dos Escravos - Alto do Termo da Borda do Campo, 1831



Fonte: Lista Nominativa, 1831 – CEDEPLAR.

Percebemos que a população cativa da localidade contou com a presença predominante de escravos crioulos. Entretanto, o número de africanos não pode ser menosprezado, uma vez que chegou a representar 42% do contingente mancípio. Estes dados nos permitem inferir que muito provavelmente a reposição da mão-de-obra cativa da localidade se dava por duas formas distintas, porém não excludentes: a reprodução natural e a reposição via tráfico. Outro dado que nos permitiu confirmar esta provável recorrência ao tráfico de escravos por parte destes proprietários, foi o alto desequilíbrio entre o sexo dos cativos africanos. Dos 1039 africanos contabilizados, 741 eram do sexo masculino e apenas 298 do sexo feminino. Já entre os crioulos houve um relativo equilíbrio entre os sexos, uma vez que dos 1190 escravos crioulos, 585 foram contabilizados como homens e 605 como mulheres. O mesmo equilíbrio foi constatado ao se analisar o sexo dos cativos pardos e mestiços, pois dos 207 pardos, 98 foram listados como homens e 109 como mulheres, e dos 18 mestiços, exatamente nove eram do sexo masculino e os outros nove do sexo feminino. Além da origem dos cativos presentes nos povoados, a análise da Lista Nominativa nos permitiu perceber também o estado-civil destes mancípios. Dos 2454 escravos, 1291 foram designados como solteiros, 539

arrolados como casados, 127 descritos como “sem informação” e apenas 13 listados como viúvos. Desta forma, foi-nos possível constatar que 53% dos cativos apareceram na Lista de 1831 como solteiros e 22% como casados. Todavia, os resultados referentes ao estado civil dos mancípios presentes no Alto do Termo da Borda permite-nos demonstrar apenas uma visão aparente da realidade, uma vez que para confirmação destes dados, esta fonte teria de ser cruzada com os inventários post-mortem e com os acentos paroquiais de batismos que dispomos. Além destes escravos adultos constamos também a presença de crianças cativas, aqui entendidas como aqueles mancípios com até dez anos de idade. Desta forma, foram contabilizadas 483 crianças escravas, o que tende a confirmar as conclusões acima mencionadas, pois a presença de crianças nativas na região indica, sobretudo, a reprodução natural das escravarias, bem como a formação de famílias escravas. Vale ressaltar por fim, que embora estas crianças cativas estivessem enquadradas dentro dos 2454 escravos contabilizados, no cálculo referente ao estado-civil dos cativos adultos (considerados por nós como aqueles escravos com idade superior a dez anos), estes inocentes não foram considerados, uma vez que a maior parte deles apareceu na Lista Nominativa como “sem informação”. Uma vez caracterizada a população livre e cativa presente na localidade, resta-nos descrever a composição da chefia dos fogos presente nos seis povoados. Ao todo foram analisados 652 fogos, sendo 380 (58%) chefiados por indivíduos brancos e 272 (42%) chefiados por indivíduos não brancos livres. Tanto entre os proprietários brancos quanto dentre os proprietários não brancos livres, a chefia dos fogos foi predominantemente masculina, pois dos 380 proprietários brancos, 314 eram homens e apenas 66 eram mulheres. Já entre os chefes não brancos livres, 215 eram do sexo masculino e somente 57 pertenciam ao sexo feminino. Portanto, nesta localidade, 81% dos domicílios contavam com a chefia masculina, e somente em 19% as mulheres apareciam como a “cabeça” da residência. No que concerne à designação destes 529 homens chefes de domicílio, percebemos que 215 eram chefes não brancos livres, ou seja, 40,6% do total de homens chefes de domicílio eram pardos, crioulos, africanos ou mestiços, e 59,4% eram homens brancos. Dentro do universo feminino, das 123 mulheres chefes de domicílio, 46,4% eram proprietárias não brancas livres, e 53,6% eram mulheres brancas.

Entre estes chefes de domicílio não brancos livres, houve o predomínio dos pardos, uma vez que 210 indivíduos foram assim designados pela Lista Nominativa, representando 77% dos proprietários não brancos livres presentes no local. Já os

proprietários não brancos livres crioulos representaram somente 13%, e os africanos e mestiços 8% e 2% respectivamente. Tais números nos permitiu afirmar que apesar da maior incidência de chefes brancos para ambos os sexos, o número de não brancos livres na localidade foi bastante expressivo, tanto no que diz respeito às mulheres quanto no que se refere aos proprietários homens nos seis povoados. Resta-nos por fim, analisar o número de cativos presentes nas propriedades que compunham o Alto do Termo da Borda do Campo. Para melhor perceber a distribuição do contingente mancipio pelos 652 fogos analisados, optamos por separar as propriedades dos seis povoados de acordo com o número de cativos presentes em sua composição social. A tabela 2 nos apresenta, de forma mais clara, a distribuição dos cativos na região:

Tabela 2: Propriedade Escrava – Porcentagem Alto do Termo da Borda do Campo, 1831

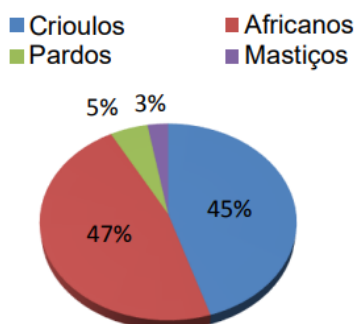
POVOADOS	Nenhum Escravo		1 a 3 Escravos		4 a 6 Escravos		7 a 10 Escravos		11 a 15 Escravos		16 a 20 Escravos		21 a 30 Escravos		+ 30 Escravos	
Ibertioga	51		10		9		4		4		4		5		1	
N.S. da Conceição de Ibitipoca	70		23		16		10		7		1		4		1	
Ribeirão de Alberto Dias	63		33		14		7		5		2		1		2	
Santa Rita do Ibitipoca	67		20		9		6		15		6		4		2	
Santana do Garambéu	48		16		10		3		2		4		2		1	
São Domingos da Bocaina	60		12		3		5		4		1		3		2	
TOTAL	359	55%	114	18%	61	9%	35	5%	37	6%	18	3%	19	3%	9	1%

Fonte: Lista Nominativa, 1831 – CEDEPLAR.

Percebemos que dos 652 fogos analisados, 359 não contavam com a presença de nenhum escravo, ou seja, 55% dos fogos não tinham mão-de-obra mancipia na sua composição social. Já os proprietários que continham de um a três cativos representaram neste contexto 18% dos chefes de domicílios, totalizando 114 indivíduos homens e mulheres. A análise da tabela acima nos permitiu concluir que houve no Alto do Termo da Borda do Campo o predomínio das propriedades sem nenhum cativo, seguido daquelas escravarias que contavam com a mão-de-obra de até três mancipios em sua composição social. Esta maior incidência de pequenas propriedades na Comarca do Rio das Mortes foi comprovada também por outros autores, como por exemplo, por Adriano Braga Teixeira, que ao estudar a região de Barbacena verificou a superioridade das propriedades de pequeno porte (TEIXEIRA, 2005), e por Francisco Vidal Luna, que constatou a hegemonia dos indivíduos com reduzido número de mancipios, sendo a maior parte de

suas escravarias compostas por cinco ou menos cativos (LUNA, 1983). Estas propriedades sem nenhum ou com até três cativos fez-se presente na realidade tanto de homens e mulheres brancos, quanto de homens e mulheres não brancos livres da localidade por nós analisada. Não obstante, a distribuição dos cativos dentre os fogos que compunham os seis povoados, nos permitiu perceber que neste cenário de extrema miséria houve espaço também para o estabelecimento de propriedades pastoris de grande e médio porte, bem como de proprietários mais abastados, ainda que predominassem as escravarias menores e os homens livres e pobres como chefes de domicílio. As escravarias com até três cativos: A análise da Lista Nominativa para o ano de 1831 nos permitiu perceber, que no Alto do Termo da Borda do Campo houve o predomínio daquelas propriedades sem nenhum ou com até três cativos em sua composição social. Após apresentar as características gerais dos seis povoados que compunham a localidade, passaremos agora a analisar, especificamente, aqueles domicílios onde foram encontrados de um a três mancípios.

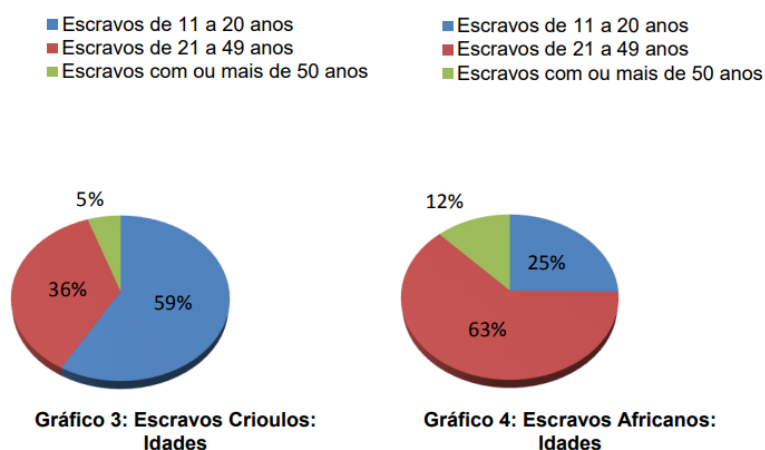
Ao restringir o foco da pesquisa para as unidades produtivas com até três cativos, foi possível levantar dados mais específicos acerca dos chefes de domicílio e suas reduzidas escravarias. Estes apontamentos iniciais pretendem contribuir para um melhor entendimento acerca das conformidades dos pequenos domicílios presentes no século XIX, possibilitandonos futuramente alcançar novas perspectivas e análises. Desta forma, neste novo universo de pesquisa foram analisados 114 fogos, os quais em conjunto apresentaram um total de 213 escravos entre crianças e adultos. Destes cativos, 100 foram arrolados como africanos e 96 designados como crioulos. Foi-nos possível perceber também, a presença de 11 cativos listados como pardos e seis listados como mestiços. O gráfico abaixo nos apresenta os números expostos em porcentagem:



**Gráfico 2: Origem Escravos -
Alto do Termo da Borda do
Campo, 1831**

Fonte: Lista Nominativa, 1831 – CEDEPLAR.

A partir do gráfico, foi-nos possível constatar o predomínio, ainda que diminuto, dos escravos africanos sob os crioulos. Os africanos representaram neste novo contexto 47% da população mancipia que compunham as escravarias analisadas, um número bastante expressivo se tomarmos como base a localidade extremamente periférica, e a presença de lavradores livres e pobres como chefes de domicílio. No que se refere ao sexo destes cativos, em relação aos mancipios africanos, constatamos o predomínio do sexo masculino com 70 indivíduos homens e apenas 30 mulheres. Já os mancipios crioulos apresentaram um maior equilíbrio, perfazendo um total de 46 homens e 50 mulheres. Dentre os 11 escravos designados como pardos oito eram homens e três eram mulheres. No que concerne aos mestiços, quatro eram mulheres e os outros dois eram homens. Como vimos anteriormente, o maior equilíbrio sexual encontrado entre os cativos crioulos, nos indica a reprodução natural existente entre estes mancipios. Já a maior incidência de homens africanos e o consequente desequilíbrio sexual existente entre estes escravos, revela-nos, sobretudo, que estes pequenos proprietários possivelmente utilizavam-se também do acesso ao tráfico de escravos como mecanismo de reposição da mão-de-obra em suas pequenas escravarias (MOTTA, 1999; PAIVA e BOTELHO, 1995). Esta provável recorrência ao tráfico por parte destes homens e mulheres livres e pobres, se tornou ainda mais evidente quando analisamos a idade dos mancipios presentes em suas propriedades. Na Lista de 1831, percebemos que a maior parte dos mancipios nascidos no Brasil enquadrava-se na faixa etária de 11 á 20 anos. Já os cativos africanos em sua maioria, apresentaram idades variáveis entre 21 e 49 anos, ou seja, estavam predominantemente inseridos na categoria de adultos. Vejamos os gráficos:



Fonte: Listas Nominativas de 1831/ CEDEPLAR

Fonte: Listas Nominativas de 1831/ CEDEPLAR

Os gráficos acima nos permitem perceber que 63% dos africanos que compunham as pequenas escravarias nos seis povoados do Alto do Termo da Borda do Campo encontravam-se em idade produtiva, uma vez que esta idade poderia variar entre os 15 e 44 anos (SCHWARTZ, 1983). Estes escravos em idade produtiva eram considerados mais aptos ao trabalho do que africanos idosos, mulheres e crianças, possuindo consequentemente um preço mais elevado no mercado. Desta forma, como afirmou Marcia Mendes Motta, a sua posse por parte da população mais pobre era muito precária, restando a estes pequenos proprietários a compra de mancípios africanos em idade mais avançada, bem como de mulheres e crianças, por serem escravos com um menor valor aquisitivo (MOTTA, 1989). Todavia, os dados obtidos possibilitou-nos encontrar resultados diferentes dos supracitados, uma vez que foi computado um maior percentual de africanos homens na faixa etária de 21 á 49 anos de idade. A análise da Lista Nominativa nos permitiu perceber também que estes pequenos proprietários não pareciam investir na compra de crianças africanas, pois dos 27 cativos inocentes contabilizados, apenas quatro foram designados como africanos, 18 como crioulos, quatro como pardos e um como mestiço. O pequeno número de crianças africanas demonstra que estes indivíduos buscavam aplicar suas propriedades, principalmente, através da compra de africanos homens em idade produtiva, e não por meio da aquisição de crianças, mulheres e idosos por serem os cativos mais “baratos” do mercado. Já o maior número de crianças nativas, corrobora com a afirmação anterior, uma vez que indica, sobretudo, o crescimento vegetativo da população mancípia local. Tais números, além de comprovar que a reposição da mão-de-obra escrava destes pequenos proprietários se dava por meio de duas vias diferentes, natural e via tráfico, incitou-nos a formulação de algumas novas questões: Como estes pequenos proprietários residentes em uma área extremamente periférica tiveram acesso a estes escravos oriundos da África? Qual a importância e o significado desta aquisição para estes homens e mulheres livres e pobres? Como demonstramos anteriormente, a maior parte das propriedades que compunham a localidade não apresentava nenhum cativo em sua composição social, o que nos permitiu afirmar que nem todos aqueles homens e mulheres livres e pobres tiveram acesso à mão-deobra escrava naqueles povoados. Entretanto, em 114 domicílios, foi constatada a presença de um a três mancípios, revelando-nos que em algum momento ao longo da vida destes indivíduos, a compra de escravos lhes foi acessível, possibilitando até mesmo aos mais pobres, inclusive aos pardos que tivessem acumulado algum pecúlio, a aquisição de um ou mais escravos. Outra suposição é que além do possível acúmulo de excedentes,

estes africanos poderiam estar sendo adquiridos também através de empréstimos feitos com os grandes proprietários da região. Hipótese que buscaremos responder em trabalho futuro, por meio da análise e cruzamento com os inventários destes homens e mulheres que possivelmente, teriam contraído dívidas com os grandes potentados locais. Apresentado a origem, o sexo e idade dos escravos que compunham os seis povoados, passaremos agora á análise do estado-civil dos mesmos. Vale destacar, contudo, que os números de escravos casados e solteiros presentes nestas pequenas propriedades, não podem ser entendidos como uma representação completamente fidedigna da realidade, uma vez que esbarram nas limitações impostas pelas próprias fontes. As Listas Nominativas tendiam a listar somente aquelas uniões oficialmente sacramentadas pela Igreja Católica. Contudo, como muitos eram os entraves burocráticos impostos à realização dos matrimônios entre os mancípios (CASTRO, 1998), mesmo quando as uniões matrimoniais nos moldes cristãos não se tornavam efetivas, estes escravos buscavam constantemente outros meios para formulação de laços familiares, como por exemplo, a realização de uniões consensuais (SLENES, 1999). Este parece ter sido o caso dos cativos que compunham a reduzida escravaria de Tomás da Silva Braga, proprietário casado, de 44 anos, e residente no povoado de Nossa Senhora da Conceição do Ibitipoca. Nesta pequena propriedade residia o crioulo Miguel de 49 anos e intitulado como solteiro, a africana Joana de 27 anos e também listada como solteira, e a pequena Delfina, crioula de dois anos referenciada como “sem informação”¹. Diferente da metodologia utilizada para a análise geral dos seis povoados, aqui incluímos o estado-civil das crianças na contagem. Desta forma, dos 213 escravos contabilizados, 170 foram designados como solteiros, 18 como casados, 24 intitulados como “sem informação”, e apenas um listado como viúvo. Ao contabilizarmos separadamente o estado-civil dos 96 crioulos, 100 africanos, 11 pardos e seis mestiços, nos deparamos com um total de 15 africanos designados como casados, e apenas três crioulos com o mesmo estadocivil. Nenhum dos pardos ou mestiços avaliados apresentaram o estado-civil de casados, sendo todos eles designados como solteiros ou “sem informação”. A tabela abaixo nos permite uma melhor visualização dos números expostos:

¹ Fonte: Listas Nominativas de 1831 disponibilizadas pelo CEDEPLAR através do site <https://ti.eng.ufmg.br/pop30/principal.php?popline=listasNominativasOriginais>.

Tabela 3: Escravos: Estado Civil – Porcentagem Alto do Termo da Borda do Campo – 1831

Cativos	Crioulos	%	Africanos	%	Pardos	%	Mestiços	%
Casados	3	3,2	15	15	--	--	--	--
Solteiros	78	81,4	81	81	6	54,5	5	83,3
Sem informação	15	15,4	3	3	5	45,5	1	16,7
Viúvos	0	-	1	1	--		--	--
Total	96	100	100	100	11	100	6	100

Fonte: Listas Nominativas de 1831/ CEDEPLAR.

Foi-nos possível verificar que a maior parte dos cativos designados como casados eram africanos. Assim, em hipótese e corroborando da argumentação de João Fragoso, acreditamos que após serem desenraizados de forma violenta pelo tráfico escravo atlântico, estes africanos tinham pressa em constituir laços de sociabilidade na nova terra, buscando parceiros que lhes permitissem a constituição de uma família e, portanto, uma maior integração nos plantéis (FRAGOSO & GOUVÊA, 2014). Mais uma vez deve ser advertido que o exame destes dados nos permite apenas formulações iniciais e hipotéticas, uma vez que os resultados obtidos necessitam ainda de maior análise e reflexão, sendo necessário, sobretudo, o cruzamento desta Lista com outras fontes seriais, para que então os eventuais pressupostos possam ser futuramente confirmados ou não.

Até agora nos detemos na análise das escravarias, ou seja, do contingente mancipio destes pequenos proprietários que contavam com até três cativos em seus domicílios. Desta forma, cabe-nos agora analisar e expor o perfil destes chefes que compunham os seis povoados do Alto do Termo da Borda do Campo. Dos 114 proprietários computados, foram contabilizados 90 chefes de domicílios homens e apenas 24 mulheres, o que corresponde a 78,7% e 21,3% respectivamente. Destes 90 homens, 69 foram designados na Lista Nominativa como brancos, 19 como pardos e apenas dois como crioulos, perfazendo um total de 69 proprietários brancos livres e 21 não brancos livres. No que se refere às mulheres, 11 delas apareceram na Lista como brancas, dez como pardas e três designadas como crioulas. Constatamos assim um total de 11 mulheres brancas livres e 12 proprietárias não brancas livres. A tabela abaixo nos permite uma melhor visualização dos dados:

Tabela 4: Chefes dos Fogos por sexo e cor
Porcentagem Alto do Termo da Borda do Campo, 1831

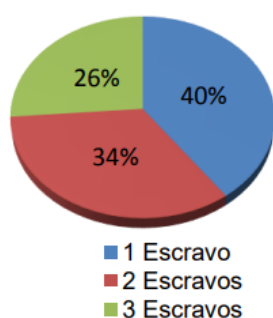
Cor	Homens	%	Mulheres	%	Total	%
Branco	69	76,7	11	45,9	80	70,3
Pardo	19	21,1	10	41,5	29	25,4
Crioulo	2	2,2	3	12,6	5	4,3
Total	90	--	23	--	114	100

Fonte: Lista Nominativa de Habitantes, 1381 – CEDEPLAR.

Dos 114 proprietários analisados, 70,3% dos chefes de ambos os sexos eram brancos, e 29,7% não brancos livres, dentre eles pardos e crioulos. Percebemos assim, que tal como na análise geral, dentre os proprietários com até três cativos, também prevaleceu àqueles domicílios chefiados por homens brancos. Outra semelhança foi o predomínio dos pardos entre aqueles indivíduos que compunham o grupo dos não brancos livres, uma vez que dos 34 indivíduos não brancos chefes de domicílio, 29 foram listados como pardos, e apenas cinco como crioulos. No que concerne ao estado-civil destes proprietários, 82 foram listados como casados, nove como solteiros e 23 como viúvos. Destes 82 chefes casados, 79 eram homens e apenas três eram mulheres. Já entre os viúvos, foi-nos possível perceber a maior incidência de mulheres assim designadas, uma vez que dos 23 viúvos listados, apenas quatro eram homens e 19 eram do sexo feminino. Dentre os solteiros sete eram homens e dois eram mulheres. Tais dados dos permitiu-nos inferir que a maior parte dos proprietários do sexo masculino que continham até três cativos eram casados, viviam com suas famílias, e encontravam-se estabelecidos em domicílios autônomos, voltados primordialmente para produção de subsistência, mantidos pelo trabalho familiar e pelo complemento da mão-de-obra cativa. Já entre as mulheres que atuavam como chefes de domicílio, houve a superioridade das viúvas, que juntamente com seus filhos e escravos mantinham a propriedade. A maior incidência de mulheres viúvas nos permitiu aventar a hipótese de que após a morte dos cônjuges, estas passavam a atuar como as principais responsáveis pelo domicílio, herdando pelo menos em um primeiro momento, a propriedade e os cativos presentes na residência. A idade média encontrada para os homens chefes de domicílio foi de 39,6 anos. Destes 48,9% tinham mais de 40 anos. As mulheres apresentaram idade média superior à dos homens (57 anos), sendo que 54,7% delas tinham idade superior ou igual a 50 anos. Essas

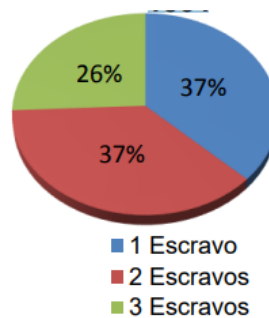
mulheres encontravam-se, portanto, em uma fase mais envelhecida do ciclo de vida que os homens proprietários, isto porque como já dissemos, entre elas predominavam as viúvas. Por meio da Lista Nominativa para o ano de 1831 foi-nos possível também perceber a estrutura de posse destes indivíduos. Como sabemos, as escravarias destes pequenos proprietários contou com a presença de um até três cativos, assim, dos 114 proprietários analisados, 45 apresentaram a posse de apenas um cativo em sua residência, 39 tinham dois escravos e 30 possuíam três mancípios. Para melhor avaliar a estrutura de posse destes pequenos proprietários, analisamos separadamente a composição das escravarias dos chefes brancos e não brancos livres. Vejamos os gráficos:

Gráfico 5: Posse de Escravos dos Chefes Brancos - Alto do Termo da Borda do Campo, 1831



Fonte: Listas Nominativas de 1831/ CEDEPLAR

Gráfico 6: Posse de Escravos dos Chefes Não Brancos Livres - Alto do Termo da Borda do Campo, 1831



Fonte: Listas Nominativas de 1831/ CEDEPLAR

Em estudo recente, ao analisar a região do Paraná, Cacilda Machado constatou que os domicílios dos não brancos livres tendiam a ser menores, uma vez que aparentemente, os proprietários brancos tinham uma maior capacidade de comportar parentes, agregados e incorporar escravos em suas residências (MACHADO, 2008). O mesmo não pôde ser afirmado para o Alto do Termo da Borda do Campo, uma vez que tanto dentre os proprietários brancos, como entre os chefes não brancos livres houve o predomínio daquelas propriedades que contavam com a presença de somente um cativo em sua composição social.

Quanto à ocupação destes pequenos proprietários e cativos, só tivemos acesso a estas informações em duas das seis Listas Nominativas por nós analisadas. Deste modo, apenas temos dados referentes à profissão desempenhada por estes indivíduos nos povoados de Ribeirão de Alberto Dias e Santana do Garambéu. Dos 49 proprietários analisados, 37 eram homens e 12 eram mulheres. Destes 37 homens, 17 tiveram a

profissão designada como “de roça”, cinco foram descritos como lavradores, três como fazendeiros e três como carpinteiros. Além destes constatamos a presença de dois jornaleiros, dois agentes, um negociante, um rancheiro, um agricultor e um sapateiro. Das 12 mulheres analisadas, obtivemos informação somente para seis, das quais cinco foram listadas como fiadeiras e uma como costureira. Como não dispomos destas informações para os outros quatro povoados que compunham o Alto do Termo da Borda do Campo, torna-se inviável deduzir ou inferir qualquer raciocínio prévio, todavia, tomando como base a avaliação dos dados expostos, cabe-nos destacar alguns pareceres iniciais. Como vimos, a maioria dos proprietários homens nestes dois povoados desempenhavam as ocupações “de roça” ou lavradores, resultados já presumíveis, uma vez que esta era uma localidade composta por pequenas propriedades que além de estarem voltadas para o abastecimento interno, encontravam-se mais distante dos grandes centros de revenda de produtos locais. Em relação às ocupações femininas, alguns autores têm destacado a importância das atividades têxteis como a fiação, tecelagem e costura desempenhada pelas mulheres nestes pequenos domicílios (BRUGGER, 2007; LIBBY, 1988). Como afirmou Silvia Brugger, estas atividades têxteis eram compatíveis com as demais atribuições designadas às mulheres, pois além de serem executadas no recôndito do lar, em alguns casos, podiam também contribuir na manutenção destas pequenas propriedades (BRÜGGER, 2007). No que concerne às profissões desempenhadas pelos cativos nestes dois povoados, constatamos que das 31 mulheres analisadas, 21 escravas foram listadas como fiadeiras, duas como cozinheiras e uma como costureira. Para as outras sete mulheres não obtivemos nenhuma informação quanto as suas ocupações. Dentre os cativos homens, dos 43 mancípios computados, 22 tiveram a profissão designada como “de roça”, cinco foram descritos como lavradores, dois como ferreiros e um como carpinteiro. Para os demais cativos homens presentes nestes dois povoados a Lista Nominativa não nos forneceu qualquer informação.

Podemos perceber que como entre as mulheres chefes de domicílio, entre as escravas também houve o predomínio da profissão de fiadeiras. Tais dados permitiu-nos inferir, que ao menos nestes dois povoados, estas atividades têxteis estavam disseminadas entre as mulheres de diferentes grupos sociais presente na localidade, o que tende a confirmar a importância do trabalho feminino para a manutenção destas pequenas unidades produtivas. Vale ressaltar por fim, que mesmo se tratando de um ambiente rural, para os escravos a especialização de um ofício podia significar uma forma de distinção

social, uma vez que como afirmou Stuart Schuwartz, a realização de tarefas específicas podia contribuir para produção de excedentes no domicílio, sendo possível a estes mancípios conseguir em alguns casos, até mesmo a aquisição de pequenos rendimentos resultantes de seus aperfeiçoamentos profissionais (SCHWARTZ, 1983).

Considerações Finais

A Lista Nominativa de Habitantes de 1831 nos permitiu avançar um pouco mais no conhecimento da população livre e escrava da Província de Minas Gerais no século XIX. Por meio da análise desta fonte documental, foi-nos possível analisar as principais características sócio-demográficas dos seis povoados que compunham o Alto do Termo da Borda do Campo, contribuindo para um melhor entendimento acerca da composição social da população presente nas áreas mais periféricas da Comarca do Rio das Mortes. Inicialmente optamos por apresentar os aspectos gerais destes seis povoados, englobando na análise os 652 fogos presentes no local. Este levantamento geral nos possibilitou perceber que esta era uma localidade composta primordialmente por aquelas propriedades que não contavam com a presença de nenhum cativo em sua composição social, seguido por aqueles domicílios que contavam com a existência de um a três mancípios. Ademais, esta análise geral nos possibilitou constatar que embora esta fosse uma localidade extremamente periférica, de inserção econômica relativamente modesta, com a produção voltada para a subsistência e a presença hegemônica de pequenas propriedades, houve também espaço para a inserção de chefes mais abastados e com um considerável número de escravos. Concluímos, portanto, que a escravidão foi uma instituição altamente difundida também em economias de abastecimento interno, como era o caso do Alto do Termo da Borda do Campo. Mais especificamente, na análise das propriedades que continham de um a três cativos, foi-nos possível verificar através dos 114 domicílios avaliados, o predomínio, ainda que diminuto, dos cativos africanos sob os crioulos. Estes resultados permitiram-nos concluir, que apesar do alto custo despendido para adquirir escravos oriundos da África, estes pequenos proprietários recorriam também a esta mão-de-obra, utilizando-se do tráfico como uma das ferramentas de reposição de suas reduzidas escravarias. Através da caracterização dos proprietários que continham até três cativos, foi-nos possível identificar diversos aspectos sobre este segmento da população, dentre os quais a baixa representatividade das mulheres atuando como chefes de

domicílio, bem como a maior incidência de proprietários brancos, casados, com idade superior a 40 anos. No que concerne à estrutura de posse nestas pequenas roças, constatamos a maior incidência daqueles domicílios com a presença de apenas um cativo, tanto entre os indivíduos brancos, quanto entre os não brancos livres. Por fim, e como foi ressaltado ao longo do presente trabalho, esta é uma pesquisa ainda em fase de desenvolvimento, sendo, portanto, o ponto inicial para futuras reflexões e análises. Vale advertir também, que a escolha da Lista Nominativa representa um corte no tempo e no espaço, ou seja, os dados apresentados se referem especificamente as características desses povoados no ano de 1831, não podendo ser estes resultados considerados válidos para os anos anteriores ou subsequentes a esta data.

REFERÊNCIAS

- BRÜGGER, S. M. J. Minas Patriarcal: Família e Sociedade (São João Del Rei – Século XVIII e XIX). São Paulo: Annablume, 2007.
- CASTRO, Faria, Sheila de. A Colônia em movimento: fortuna e família no cotidiano colonial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
- FRAGOSO, João. Elite das senzalas e nobreza da terra numa sociedade rural do Antigo Regime nos trópicos: Campo Grande (Rio de Janeiro), 1704-1741. In: FRAGOSO, João e GOUVÊA, Fatima, Maria, de. (Org). O Brasil Colonial 1720-1821. Vol, 3. 1º Edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.
- GUEDES, Robert. Escravidão e Cor nos censos de Porto Feliz (São Paulo, século XIX). Especiaria (UESC), v. 10, p. 489-518, 2009.
- LIBBY, D. C. Equilíbrio e estabilidade: economia e comportamento demográfico num regime escravista, Minas Gerais no século XIX. Papéis Avulsos, Casa Rui Barbosa/RJ, v. 7, p. 26-43, 1988.
- LUNA, Francisco Vidal. Estrutura da Posse de Escravos em Minas Gerais (1718), In: BARRETO, A. E.M. et alii. História Econômica: Ensaio, São Paulo, IPE/USP, p. 25-41, 1983.
- MACHADO, Cacilda. A trama das vontades: negros, pardos e brancos na construção da hierarquia social do Brasil escravista. 1. ed. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.
- MACHADO, Cacilda. Cor e hierarquia social no Brasil escravista: o caso do Paraná, na passagem do século XVIII para o XIX. Topoi (Rio de Janeiro), v. 9, p. 45-66, 2008.
- MATTOS, Hebe. Escravidão e cidadania no Brasil monárquico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000, pp. 6-18.
- MOTTA, José Flávio. Corpos escravos, vontades livres: posse de cativos e família escrava em Bananal (1801-1829). São Paulo: FAFESP. Annablume, 1999;

- MOTTA, Márcia Maria Menendes. Pelas “bandas d’além”: fronteira fechada e arrendatários escravistas em uma região policultora (1808-1888). Dissertação de mestrado. Niterói: UFF, 1989.
- OLIVEIRA, M. R. Avô imigrante, pai lavrador, neto cafeicultor: análise de trajetórias intergeracionais na América Portuguesa (séculos XVIII e XIX). *Varia História* (UFMG. Impresso), v. 27, p. 625-644,
- PAIVA, Clotilde Andrade & BOTELHO, Tarcísio Rodrigues. População e espaço no século XIX mineiro: algumas evidências de dinâmicas diferenciadas. In: *Anais do VII Seminário Sobre a Economia Mineira*. Belo Horizonte: CEDEPLAR/UFMG, 1995.
- SCHWARTZ, Stuart B. Segredos Internos: trabalho escravo e vida escrava no Brasil. *História: Questões e Debates*. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, a. 4, n. 6, 1983, pp. 45 – 59.
- SLENS, Robert W. Na senzala, uma flor: esperanças e recordações na formação da família escrava-Brasil Sudeste, século XIX. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999;
- TEIXEIRA, Adriano Braga. Barbacena Colonial: uma vila mineira na última década dos setecentos. In: *Anais do Primeiro Colóquio do LAHES*. Juiz de Fora, 13 a 16 de junho de 2005. Disponível em: www.lahes.ufjf.br.

Fontes Documentais:

Listas Nominativas de 1831 - disponibilizadas pelo CEDEPLAR através do site: <https://ti.eng.ufmg.br/pop30/principal.php?popline=listasNominativasOriginais>.